

Universidades Lusíada

Urbano, Marlene Canudo, 1977-

Alterações climáticas e os desafios do arquiteto

<http://hdl.handle.net/11067/6911>

<https://doi.org/10.34628/qp44-w018>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-30T01:34:38Z com
informação proveniente do Repositório

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS:

OS DESAFIOS DO ARQUITETO

Marlene Urbano

DOI: <https://doi.org/10.34628/qp44-w018>

Resumo: Com uma reflexão na arquitetura do passado, este texto visa enaltecer a necessidade de mudança de atitude e mentalidade global da sociedade atual em relação ao Ambiente, no sentido de assegurar a sustentabilidade do atual paradigma global de desenvolvimento, ainda assente num crescimento económico contínuo, global e ilimitado, fator que pode ser determinante na continuidade da nossa própria existência.

As preocupantes alterações climáticas antropogénicas a que estamos a assistir, provenientes de algumas atividades humanas, estão a causar impactes ambientais extremamente nefastos, levando à perda de biodiversidade e à degradação dos ecossistemas, pondo em causa a nossa sobrevivência e a de todos os seres vivos no nosso Planeta.

Perante este cenário preocupante e extremamente negativo para o ambiente, cabe-nos a nós arquitetos, refletir sobre que tipo de arquitetura e cidades queremos, que futuro pretendemos para a sustentabilidade da nossa civilização, agora e num futuro distante, adotando medidas de mitigação eficazes e capazes de evitar um agravamento dramático da situação atual.

Palavras-chave: Alterações climáticas; Arquiteto; Cidade; Sociedade.

Abstract: With a reflection on the architecture of the past, this text aims to extol the need to change the attitude and global mentality of today's society in relation to the Environment, in order to ensure the sustainability of the current global development paradigm, still based on continuous, global and unlimited economic growth, a factor that can be determinant in the continuity of our own existence. The worrying anthropogenic climate changes that we are witnessing, as a result of some human activities, are causing extremely harmful environmental impacts, leading to the loss of biodiversity and the degradation of ecosystems, jeopardising our survival and that of all living beings on our Planet.

Faced with this worrying and extremely negative scenario for the environment, it is up to us architects to reflect on what kind of architecture and cities we want, what future we want for the sustainability of our civilization, now and in the distant future, adopting effective mitigation measures capable of avoiding a dramatic worsening of the current situation.

Keywords: Climate change; Architect; City; Society.



Ilustração 1 – Vista panorâmica de Londres, Reino Unido. (Ilustração nossa, 2019).

“Se queremos encontrar um destino diferente para esta civilização, todos os aspectos da nossa vida terão de ser reexaminados e bem inspeccionados, todas as actividades terão que sofrer uma crítica e uma revalorização; todas as instituições terão de procurar a sua própria renovação e transformação”. (Mumford, 1986, p. 16)

A Arquitetura, a Cidade e a Sociedade

Na história da sociedade, a arquitetura das sociedades arcaicas e tradicionais, era vista como a matriarca de todas as artes, mesmo antes de existir a própria Arte. A arquitetura era a forma materializada da sociedade, representando os ideais e as ideologias, uma realidade simbólica do poder terreno e do poder divino, a humanização e a divindade. Uma arquitetura simbólica, a razão da existência do espaço social, como parte significativa de uma arquitetura tradicional adormecida, que irradiava o seu poder transcendente.

Na antiguidade, o arquiteto era visto como o elemento que estabelecia a ligação entre o divino incomensurável e o divino terreno. Todo este mundo espiritual, estava relacionado com o mundo das ideias, seguindo uma determinada ordem, baseado na criação e no rigor da execução. Havia um forte simbolismo de que o arquiteto, era visto como o Senhor da Forma. Sendo que, a arquitetura, se caracterizava pela parte da forma e a parte do espaço.

A arquitetura era dotada de uma linguagem única, de um exemplar rigor e de uma enorme espetacularidade, era o resultado da intenção do arquiteto. Esta arquitetura do poder, nesta época para a cidade, para os cidadãos, era um sinal de recompensa. A arquitetura que mostra a sociedade, mostra a política e a ideologia da sociedade. Não se mostra a si própria, mas a sociedade, enaltecendo o seu poder central que ordena o mundo.

A quadratura do círculo, de Leonardo da Vinci, foi uma revolução, para o homem e para a arquitetura, porque até ao século XVI prevalecia a dimensão divina. Esta humanização das cidades, esta mudança de dimensão, da escala do divino para a escala do homem, foram tudo fatores que levaram as cidades a ganhar um carácter local e de memória. Neste sentido, esta humanização das cidades, desempenhou um papel importante no cerne da sociedade, permitindo que cada um de nós, enquanto cidadão, crie relações diversas com partes da sua cidade, tendo uma imagem única e própria, repleta de significados e memórias.

Outro momento marcante na arquitetura, foi a revolução industrial, que veio permitir que as construções, que não as do poder, viessem a ser mais perenes e duráveis, e possibilitou ainda a capacidade da multiplicação da construção. Mas, esta já não se trata de uma construção do poder, trata-se de uma construção democratizada, ao ponto de termos, uma indústria da construção, como uma das indústrias que mais polui a nível global e que trouxe outro problema para a arquitetura, a banalização da construção.

A globalização da população humana, com destaque a interação e interdependência entre diversas regiões, foi um dos momentos sociais, a nível mundial, mais marcantes na segunda metade do século XX. As

actividades que sustentam esta globalização populacional, estão a causar danos ambientais cada vez mais devastadores, mostrando uma imagem clara da nossa relação com o ambiente.

A cidade é uma estrutura orgânica social com uma determinada identidade, história, morfologia e vivência, cheia de memórias, composta pelos seus cheios e vazios. “A cidade formou com o seu território um corpo inseparável.” (Rossi, 2001, p. 189). “[...] A união entre o passado e o futuro está na própria ideia da cidade que a percorre, tal como a memória percorre a vida de uma pessoa, e que para se concretizar se deve sempre formalizar, mas também conformar com a realidade.” (Rossi, 2001, p. 194). A arquitetura em todas as suas dimensões, deve perscrutar o passado, para perceber melhor o presente e assim antecipar o futuro.

A arquitetura deve ter um significado. Se falamos em espaço, ele deverá ter um significado poético. A poética da arquitetura, é um espaço cheio de significados, mas que também envolve uma dimensão estética. A arte simbólica, dissociada da técnica, é aquela que nos permite expor os nossos mais profundos sentimentos e intenções na arquitetura. O objeto da arquitetura é o espaço construído e a sua apropriação humanizada. A arquitetura é sobretudo uma questão de intenção e de memória.

A magia da invenção é a luz da criação na arquitetura, mas está-se a extinguir e o arquiteto está, cada vez mais, a ser cumpridor de legislação, ainda mais se falarmos da arquitetura de habitação. Mas, atualmente, temos alguns desafios a ultrapassar no âmbito da arquitetura: o ambiente, a construção sustentável, a economia circular, a mudança de paradigma das construções em si mesmo. Neste sentido, estes desafios poderão ser uma oportunidade para reacender a chama da invenção e enaltecer o papel do arquiteto, contribuindo por sua vez para transformar positivamente o mundo e alcançar um futuro melhor para as gerações vindouras.

O Arquiteto e as Alterações Climáticas

Atualmente, vivemos num período preocupante que coloca em causa o futuro da humanidade e do nosso Planeta. Questões, como as alterações climáticas antropogénicas e o aquecimento global, que resultam, essencialmente, das emissões de grandes quantidades de gases com efeito de estufa (GEE) para a atmosfera e que provêm, maioritariamente, de algumas atividades humanas, constituem hoje um dos maiores desafios ambientais que o Homem enfrenta.

É urgente agirmos, visando reduzir os impactes ambientais negativos e adversos resultantes das alterações climáticas, onde a indústria da construção, é, de todas as atividades humanas, a que mais contribui para este problema. Desde as emissões de GEE antropogénicas à produção de resíduos, da extração descontrolada de recursos naturais finitos ao fabrico e transformação de materiais que integram os nossos edifícios.

Para mitigar este problema global, é necessário que todos - países desenvolvidos e países em desenvolvimento - reduzam as emissões de dióxido de carbono (CO₂), no sentido de uma descarbonização planetária.

O papel do arquiteto, assim como o de outros atores, deverá ser interventivo e eficaz no sentido de se alcançar a neutralidade carbónica, uma vez que a questão ambiental é um tema transversal. Neste sentido, é primordial, a adoção de práticas conscientes no âmbito de um Desenvolvimento Sustentável e segundo os princípios da Construção Sustentável, desde a escolha seletiva dos materiais à sua aplicação, contribuindo assim para a redução da pegada carbónica e manutenção do Planeta.

Estamos num período de mudança, um momento de crise dramática, sistémica e global, ocasionada pelas alterações climáticas, onde todas as entidades têm de intervir no momento presente, e também ele muito oportuno para a arquitetura. Nós, Arquitetos, temos de o aproveitar e liderar. Devemos refletir sobre que futuro pretendemos para as nossas cidades, que tipo de arquitetura tencionamos projetar, tendo uma visão e compreensão integral da Arquitetura, fruto de um pensamento global, resultando numa ação local e individual. Permitindo assim uma archi-

tetura interdisciplinar, beneficiando das novas tecnologias e da ciência, em prol dessa mudança necessária, correndo riscos, se for preciso, em nome do Ambiente e da sobrevivência Humana.

Referências

MUMFORD, Lewis (1986) - *Arte e técnica*. Lisboa : Edições 70.
ROSSI, Aldo (2001) – *Arquitetura e sociedade*. Trad. de José Charters Monteiro. Lisboa : Edições Cosmos. ISBN 972-762-126-0.

Bibliografia

FREITAG, Michel (2004) – *Arquitetura e sociedade*. Lisboa : Publicações Dom Quixote. ISBN 972-20-2746-8.
SANTOS, Filipe Duarte (2021) – *Alterações climáticas*. Lisboa : Fundação Francisco Manuel dos Santos. ISBN 9789899064249.